internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Trump ameaça bombardear infraestrutura civil iraniana

Regime Islâmico do Irã amplia ataques contra alvos na Jordânia

/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou, bombardear infraestruturas civis iranianas, como pontes e usinas de energia, caso o país ataque navios no Estreito de Ormuz.

"A partir deste momento, sempre que a República Islâmica do Irã disparar contra um navio no Estreito de Ormuz, seja por míssil, foguete, drone ou qualquer outro dispositivo ou arma, os EUA bombardearão e destruirão uma ponte ou usina elétrica, incluindo aquelas localizadas próximas ou dentro da capital, Teerã", escreveu Trump na Truth Social.

Pouco antes, as Forças Armadas da Jordânia informaram que seus sistemas de defesa aérea detectaram seis mísseis provenientes do Irã nesta quarta. Segundo a corporação, quatro foram interceptados e dois caíram em áreas desabitadas, sem deixar vítimas ou causar danos. Quatro drones iranianos também foram abatidos.

Colunas de fumaça puderam ser vistas no céu em vídeos gravados por moradores de Eilat, cidade israelense localizada na ponta sul do país, que faz fronteira com a cidade jordaniana de Aqaba.

Na semana passada, três militares americanos morreram em um ataque iraniano contra a base americana de Muwaffaq Salti, no Leste da Jordânia.

O Irã evitou atacar Israel desde a retomada das hostilidades no mês passado, em uma tentativa de impedir que o país voltasse ao conflito. No entanto, o ataque contra Aqaba aumentou as preocupações sobre uma possível escalada após o colapso do acordo de cessar-fogo.

Alertas de mísseis também foram registrados no Bahrein. Na Arábia Saudita, autoridades orientaram moradores da cidade de Dammam, no Golfo Pérsico, a buscar abrigo. Posteriormente, elas informaram que o risco havia passado, sem fornecer mais detalhes.

Na madrugada de ontem, as Forças Armadas dos EUA informaram ter concluído a 11ª noite de ataques contra o Irã, com hangares de aeronaves e locais de armazenamento de drones como alvos. A agência estatal iraniana IRNA afirmou que explosões foram registradas em diversas províncias.

Horas depois, a agência de notícias iraniana Tasnim informou que um míssil americano atacou a ilha de Larak, no Estreito de Ormuz, e que moradores relataram ter ouvido uma forte explosão. O Ministério da Saúde do Irã informou que os ataques americanos realizados nos últimos 11 dias mataram pelo menos 53 pessoas e deixaram quase 600 feridos.

Ontem, Trump participou da transferência solene dos corpos de quatro soldados americanos mortos em combate no Oriente Médio. Ele prestou continência na pista da Base Aérea de Dover, em Delaware, enquanto os caixões, cobertos com a bandeira americana, era retirado de um avião e colocado em veículos. A cerimônia contou ainda com a presença do secretário de Defesa, Pete Hegseth, e do Chefe do Estado-Maior Conjunto, Dan Caine.

SAUL LOEB/AFP/JC

Presidente participou da cerimônia dos soldados mortos no Oriente Médio

EUA aprova acordo nuclear com Arábia Saudita

Enquanto isso, o presidente dos EUA, Donald Trump, aprovou um acordo de cooperação nuclear civil com a Arábia Saudita que pode permitir o enriquecimento de urânio em território saudita. O acordo de 30 anos é avaliado em dezenas de bilhões de dólares e dá exclusividade a empresas americanas, segundo autoridades do governo dos EUA ouvidas pelo jornal The Wall Street Journal. A parceria deixa de fora concorrentes da Rússia e da China no desenvolvimento da infraestrutura nuclear saudita.

O texto prevê a construção de uma usina de enriquecimento de urânio se um estudo de dois anos comprovar a viabilidade comercial. Caso os EUA vetem o avanço após o estudo, os sauditas ficam proibidos de buscar essa tecnologia por dez anos.

O tratado ainda precisa passar pelo Congresso norte-americano. O secretário de Energia dos EUA, Chris Wright, e o ministro de Energia saudita, príncipe Abdulaziz bin Salman, assinam o documento, que exige dois terços dos votos dos parlamentares para não ser barrado. O governo norte-americano afirma que o objetivo é garantir que o enriquecimento de urânio ocorra sob sua supervisão.

Segundo autoridades do governo Trump revelaram ao periódico, a medida evita o desvio de material para fins militares e protege tecnologias sensíveis.

A Arábia Saudita rejeitou regras internacionais rígidas de inspeção e o compromisso de não enriquecer urânio em seu solo. O reino não aceitou o "protocolo adicional" da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) nem o "padrão-ouro" adotado pelos Emirados Árabes Unidos. A decisão de Trump marca uma mudança em relação à gestão de Joe Biden, que exigia a normalização de relações entre sauditas e Israel. Tanto Trump quanto o ex-presidente Joe Biden tentaram chegar a um acordo nuclear para compartilhar a tecnologia norte-americana.

Juiz dos EUA marca julgamento de Maduro para junho de 2027

/ VENEZUELA

O ditador deposto da Venezuela, Nicolás Maduro, e sua esposa, Cilia Flores, serão julgados pelas acusações de tráfico de drogas nos Estados Unidos, pelas quais estão detidos no país, a partir de 1º de junho de 2027, segundo afirmou, ontem, um juiz norte-americano.

Maduro vestia uniforme prisional bege ao ser conduzido a um tribunal de Manhattan por agentes federais para uma audiência perante o juiz federal Alvin Hellerstein a respeito do início de seu julgamento. O advogado de defesa Barry Pollack disse que buscará a rejeição do caso com base no argumento de que Maduro deveria ter imunidade para um processo do tipo por ser chefe de um Estado soberano.

Em um documento judicial apresentado na noite de terça-feira, promotores do escritório do procurador federal de Manhattan e advogados de defesa de Maduro propuseram o início do julgamento para junho de 2027. Hellerstein deve definir o cronograma final, e as duas partes disseram que podem solicitar ajustes.

Maduro enfrenta quatro acusações criminais graves, incluindo conspiração narcoterrorista e conspiração para importação de cocaína. Ele pode pegar prisão perpétua se for condenado.

Antes do julgamento, espera-se que Maduro apresente moções legais buscando a rejeição do caso. Ontem, Hellerstein também marcou uma audiência para o dia 17 de novembro para receber argumentações a respeito dessas moções.

Durante a primeira aparição de Maduro no tribunal, em 5 de janeiro, Pollack sugeriu que também poderia contestar a acusação com base no argumento de que a captura de Maduro pode não ter sido legal. Maduro, um socialista que teve uma relação antagônica com os EUA enquanto liderava a Venezuela de 2013 até sua captura, referiu-se a si mesmo como "prisioneiro de guerra" durante sua aparição em 5 de janeiro. Maduro há muito acusa os EUA de buscar sua deposição para obter maior controle sobre as vastas reservas de petróleo do país, um membro da Opep.

Novo chefe militar da Ucrânia promete mais ataques, e protestos continuam

/ GUERRA DA UCRÂNIA

O novo comandante das Forças Armadas da Ucrânia, general Mikhailo Dapratii, afirmou ontem que irá aumentar os ataques contra a Rússia "em todos os domínios" e estimular o avanço tecnológico a serviço dos militares.

"O presidente definiu tarefas claras para nós: continuar e intensificar as ações ofensivas em todos os domínios, planejar novas operações atrás das linhas inimigas, desenvolver o Exército e suas tecnologias e aumentar as capacidades das Forças Armadas", escreveu o militar no Facebook, em sua primeira manifestação no cargo.

Com isso, Drapatii dá uma dupla sinalização aos manifestantes que foram à rua exigir a queda de seu antecessor, Oleksander Sirskii, e protestar contra a demissão do ministro da Defesa Mikhailo Fedorov pelo presidente Volodymyr Zelensky.

O novo chefe militar busca assegurar que não haverá mudança na campanha contra o sistema energético e transporte marítimo russos e se mostra adepto da revolução no emprego dos drones para reduzir as baixas entre soldados.

Sirskii era rival de Fedorov, um entusiasta da guerra à distância, e visto como adepto de táticas mais antigas de alto atrito. As operações de ataques e infiltração no território russo ficavam majoritariamente sob coordenação do SBU (Serviço de Segurança da Ucrânia, na sigla local), uma agência independente.

Os manifestantes não parecem ter se sensibilizado e marcaram mais um protesto, agora centrado em Kiev, para a próxima sexta (24). Eles ainda exigem a volta de Fedorov ao Ministério da Defesa, ocupado interinamente por Ievhenni Khmara. "Se preparem para a sexta - nós ainda temos de trazer Fedorov de volta", escreveu no X um dos organizadores dos atos, o veterano de guerra Dmitri Koziatinski. Segundo ele, se isso não ocorrer, as manifestações serão mantidas.

Será uma queda de braço com Zelensky, que busca demonstrar que a página foi virada. Nesta quarta, ele anunciou a nova estrutura do comando militar, com o general Ihor Skibiuk ocupando o segundo posto da hierarquia como chefe do Estado-Maior.